

'Este ano será melhor; 1996, melhor ainda'

Num discurso de 29 minutos no Congresso, Fernando Henrique Cardoso é interrompido três vezes por aplausos

"Excelentíssimo senhor presidente do Congresso Nacional;
Excelentíssimo senhor vice-presidente da República;
Excelentíssimos senhores chefes de Estado e do Governo estrangeiros;
Excelentíssimo senhor presidente da Câmara dos Deputados;
Excelentíssimo senhor presidente do Supremo Tribunal Federal;
Excelentíssimos senhores chefes das missões especiais estrangeiras;
Excelentíssimos senhores integrantes da Mesa;
Excelentíssimos senhores senadores, Excelentíssimos senhores deputados, altas autoridades da República;
Senhoras e senhores:

Venho somar minha esperança à esperança de todos neste dia de concreto.

Permitam que, antes do presidente, fale aqui o cidadão que fez da esperança uma obsessão, como tantos brasileiros.

Pertencem a uma geração que cresceu embalada pelo sonho de um Brasil que fosse ao mesmo tempo democrático, desenvolvido, livre e justo.

Vem de longe a chama deste sonho. Vem dos heróis da Independência. Vem dos abolicionistas. Vem dos "tenentes" revolucionários da Velha República.

Essa chama eu vi brilhar nos olhos de meu pai, Leônidas Cardoso, um dos generais da campanha "o petróleo é nosso", como já brilhou no fim do Império nos olhos de meu avô, abolicionista e republicano.

Para os estudantes que jogavam, como eu, todo o seu entusiasmo nessas lutas, petróleo e industrialização eram o bilhete de passagem para o mundo moderno do pós-guerra. Asseguravam um lugar para Brasil no carro do progresso tecnológico, que acelerava e ameaçava nos deixar na poeira.

Por algum tempo, na Presidência de Juscelino Kubitschek, o futuro nos parecia estar perto. Havia desenvolvimento. O Brasil se industrializava rapidamente. Nossa democracia funcionava, apesar dos sobressaltos. E havia perspectivas de melhoria social.

Mas a História dá voltas que nos confundem. Os "anos dourados" de JK terminaram com inflação e tensões políticas em alta. Vieram então anos sombrios, que primeiro trouxeram de volta o crescimento, mas sacrificaram a liberdade.

Trouxeram progresso, mas para poucos. E depois nem isso, mas somente o legado — este sim, para todos — de um divida externa que amarrou a economia e de uma inflação que agravou as mazelas sociais na década de 80.

Assim eu vi meus filhos crescerem e vi nascer meus netos, sonhando e lutando para divisar o dia em que desenvolvimento, liberdade e justiça — justiça, liberdade e desenvolvimento — anadiam juntos nesta terra.

Eu nunca duvidei de que esse dia chegaria. Mas nunca pensei que ele pudesse me encontrar na posição que assumo hoje, escolhido pela maioria dos meus concidadãos para liderar a caminhada rumo ao Brasil dos nossos sonhos.

Sen arrogância, mas com absoluta convicção, eu digo: este país vai dar certo! Não por minha causa, mas por causa de todos nós. Não só por causa dos nossos sonhos — pela nossa imensa vontade de ver o Brasil d'ar certo — mas porque o momento amadureceu e o Brasil tem tudo para dar certo.

Recuperamos aquele que deve ser o bem mais precioso de um povo: a liberdade. Pacificamente, com tranquilidade, apesar das mágoas e cicatrizes que ficam como um símbolo para que novas situações de violência não se repitam, viramos a página do autoritarismo, que com nomes e formas diferentes desvirtuou nossa República desde a sua fundação.

Para os jovens de hoje, que pintaram a cara e ocuparam as ruas exigindo decência dos seus representantes, assim como para as pessoas da minha geração, que aprenderam o valor da liberdade ao perdê-la, a democracia é uma conquista definitiva. Nada nem ninguém nos fará abrir mão dela. Recuperamos a confiança no desenvolvimento. Não é mais uma questão de esperança: apenas. Nem é euforia passageira pelos dois bons anos que acabamos de ter. Este ano será melhor. O que vem, melhor ainda.

Hoje não há especialista sério que preveja para o Brasil outra coisa não um longo período de crescimento. As condições internacionais são favoráveis. O peso da dívida externa já não nos sufoca. Aqui dentro, nossa economia é como uma planta sadia depois da longa estiagem. As raízes, as pessoas e empresas que produzem riqueza — resistiram aos rigores da estagnação e da inflação. Sobreveriram. Saíram mais fortes da provação.

Nossos empresários souberam inovar, souberam refazer suas fábricas e escritórios, souberam vencer as dificuldades.

Os trabalhadores brasileiros souberam enfrentar as agruras do arbitrio e da recessão e os desafios das novas tecnologias. Reorganizaram seus sindicatos para serem capazes, como hoje são, de reivindicar seus direitos e sua parte no bolo do crescimento econômico.

Chegou o tempo de crescer e florescer. Mais importante: hoje nós sabemos o que o Governo tem que fazer para sustentar o crescimento da economia. E vamos fazer. Aliás, já estamos fazendo. Quando muitos duvidavam se seríamos



Vou governar para todos. Mas se precisar acabar com privilégios de poucos para fazer justiça, estarei do lado da maioria,

Continuidade significa confiabilidade no campo internacional.

Mudanças bruscas, desligadas de uma visão de longo prazo, podem satisfazer interesses conjunturais, mas não constroem o perfil de um Estado responsável.

Não devemos, contudo, ter receio de inovar quando os nossos interesses e valores assim indicarem.

Numa fase de transformações radicais, marcada pela redefinição das regras de convivência política e econômica entre os países, não podemos, por mero saudosismo, dar as costas aos rumos da História. Temos, sim, que estar atentos a eles para influenciar o desenho da nova ordem.

É tempo, portanto, de atualizar nosso discurso e nossa ação externa, levando em conta as mudanças no sistema internacional e o novo consenso interno em relação aos nossos objetivos.

É tempo de debater às claras qual deve ser o perfil do Brasil, como nação soberana, neste mundo em transformação, envolvendo no debate a Chancelaria, o Congresso, a Universidade, os sindicatos, as empresas, as organizações não-governamentais.

Vamos aposentar os velhos dilemas ideológicos e as velhas formas de confrontação e enfrentar os temas que movem a cooperação e o conflito entre os países nos dias de hoje: direitos humanos e democracia; meio ambiente e desenvolvimento sustentável; as tarefas ampliadas do multilateralismo e os desafios da regionalização; a dinamização do comércio internacional e a superação das formas de protecionismo e unilateralismo. Outros temas centrais são o acesso à tecnologia, os esforços de não-proliferação e o combate às formas de criminalidade internacional.

Vamos valorizar ao máximo a construção universal da nossa presença, tanto política como econômica. Condição que tanto nos permite aprofundar nossa participação nos esquemas de integração regional, partindo do Mercosul, como explorar o dinamismo da Europa Unificada, do Nafra, da Ásia do Pacífico. E ainda identificar áreas com potencial novo nas relações internacionais, como a África do Sul pós-apartheid.

Sem esquecer das nossas relações tradicionais com o continente africano e de países como a China, a Rússia e a Índia, que, por sua dimensão continental, enfrentam problemas semelhantes aos nossos no esforço pelo desenvolvimento econômico e social.

Eu acredito que o Brasil tem um lugar reservado entre os países bem-sucedidos do planeta no próximo século. E estou convencido de que os únicos obstáculos importantes que nós enfrentaremos para ocupar esse lugar vêm dos nossos desequilíbrios internos, das desigualdades extremas entre regiões e grupos sociais.

Sabemos que o desenvolvimento de um país, no mundo de hoje, não se mede pela quantidade das coisas que produz.

Para exercermos na plenitude nosso

mandato de acabar com a miséria, é preciso também acabar com a miséria espiritual. Que os meios modernos de comunicação nos ajudem nessa tarefa.

À lado da informação e do entretenimento, vamos engajar nossas TVs numa verdadeira cruzada nacional pelo resgate da cidadania através do ensino, começando por uma intensa ação de alfabetização e formação cultural.

Minha missão, a partir de hoje, é fazer com que essas prioridades do povo sejam também as prioridades do Governo.

Isto vai demandar uma ampla reorganização da máquina do Governo.

A administração federal está muito deteriorada depois de anos seguidos de desmandos e arrocho financeiro.

O clientelismo, o corporativismo e a corrupção sugam o dinheiro do contribuinte antes que chegue aos que deveriam ser os beneficiários legítimos das ações do Governo, principalmente na área social.

As CPIs do Congresso e as providências energéticas tomadas pelo Governo do presidente Itamar Franco começaram a limpeza desses parasitas nos últimos dois anos.

Vai ser preciso mexer, em muitos vespeiros para completar a faxina e fazer as reformas estruturais necessárias para dar eficiência ao serviço público.

Isto não me assusta. Sei que terei o apoio da maioria da nação. Inclusive dos muitos funcionários que têm amor ao serviço público. O apoio mais importante, na verdade, não é ao Governo nem à pessoa do presidente. É o apoio que formos capazes de dar uns aos outros, como brasileiros, e o apoio de todos ao Brasil. Esta verdadeira revolução social e de mentalidades só irá acontecer com o concurso da sociedade.

O Governo tem um papel fundamental, e eu cuidarei para que cumpra esse papel.

Mas, sem que o Congresso aprove as mudanças na Constituição e nas leis algumas das quais apontei em meu discurso de despedida do Senado — e sem que a opinião pública se mobilize, as boas intenções morrem nos discursos.

Precisamos costurar novas formas de participação da sociedade no processo das mudanças.

Parte fundamental dessa tomada de consciência, dessa reivindicação cidadã e dessa mobilização vai depender dos meios de comunicação de massa.

Nossos meios de comunicação foram fundamentais para a redemocratização e têm sido básicos para a recuperação da moralidade na vida pública. Agora eles têm reservado um papel central na mobilização de todos para uma sociedade mais justa e melhor.

Mantendo sempre a independência crítica e a paixão pela veracidade da informação.

Quando os brasileiros puderem ser mais informados; quando puderem ser mais críticos das políticas postas em prática do que do folclore dos fatos diversos da vida cotidiana; quando puderem pôr mais em perspectiva os acontecimentos e cobrar mais a coerência da ação do que fazer julgamentos de intenção, mais capacitados vão estar para o exercício da cidadania.

O sentimento que move esse apoio de todos ao país tem um nome: solidariedade.

É ela que nos faz sair do círculo pequeno dos nossos interesses particulares para ajudar nosso vizinho, nosso colega, nosso compatriota próximo ou distante.

Nós, brasileiros, somos um povo solidário.

Vamos fazer desse sentimento a moeda de um grande mutirão nacional, unindo o Governo e a comunidade, para varrer o mapa do Brasil a fome e a miséria.

Vamos assegurar uma vida decente às nossas crianças, tirando-as do abandono das ruas e, sobretudo, pondo um paradeiro nos vergonhosos massacres de crianças e jovens.

Vamos assegurar com energia direitos iguais aos iguais.

As mulheres, que são a maioria do nosso povo e às quais o país deve respeito e oportunidade de educação e de trabalho.

As minorias raciais e a algumas quase-maiorias — aos negros, principalmente — que esperam que igualdade seja, mais do que uma palavra, o retrato de uma realidade.

Aos grupos indígenas, alguns deles testemunhas vivas da arqueologia humana, e todos testemunhas da nossa diversidade.

Vamos fazer da solidariedade o fermento da nossa cidadania em busca da igualdade. E a nossa esperança de ver um Brasil livre, próspero e justo há de pulsar cada vez mais forte, no peito de cada brasileiro, como uma grande certeza.

A tantos que me acompanham nas lutas políticas.

A minha família, que soube compreender os desafios da História.

À Congresso a que pertenci até hoje, e que nesta cerimônia, com a proclamação da Justiça Eleitoral, me empossa como presidente da República.

Aos chefes de Estado e às delegações estrangeiras de países amigos que vieram prestigiar este ato.

Aos nossos convidados.

A todos os cidadãos e cidadãs deste nosso Brasil, aos quais peço, mais uma vez, muita fé, muita esperança, muita confiança, muito amor, muito trabalho.

Eu os convoco para mudar o Brasil. Muito obrigado".